

# O consumo do sexo em Copacabana/RJ e a conformação de suas territorialidades: embates e resistências

*Sex consumption in Copacabana/RJ and its territorialities arrangement: struggles and resistance*

Telma Bittencourt Bassetti  
Roberta Peixoto

## RESUMO

No presente artigo, apresentamos o espaço urbano como condição, produto e meio de toda a atividade humana que se realiza no cotidiano. O território, por sua vez, é definido a partir de seus usos e múltiplas relações de identidade. O objeto de pesquisa é o consumo do corpo mediado pelo dinheiro no bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro, cujo desdobramento se dá na conformação de territórios voltados para o consumo do corpo enquanto atividade de lazer. Esses territórios são famosos entre os turistas que conhecem esse espaço como “territórios do prazer”. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, o bairro é também residencial e detém o maior número absoluto de idosos entre os bairros do país. Assim, o principal objetivo é investigar a relação entre a população residente e a população que está ali para o consumo do sexo no que diz respeito aos seus embates e resistências.

**Palavras-chave:** Turismo sexual. Território do prazer. Prostituição.

## ABSTRACT

The urban space is presented as a condition, product and mean of all human activity that takes place in everyday life. The territory is defined from its uses and multiple relations of identity. The object of this paper is the body's consumption mediated by money in Copacabana in the city of Rio de Janeiro, whose deployment occurs in the formation of territories facing the body's consumption as a leisure activity. These territories are famous among tourists who know this space as “pleasure territories”. Paradoxically, the neighborhood is residential and also has the largest absolute number of elderly among the districts of the country. So the main objective is to investigate the relation between the resident population and those who is there for sex consumption.

**Keywords:** Sex tourism. Territories of pleasure. Prostitution..

## 1 Introdução

Os prazeres relacionados aos cuidados com o corpo e os lazeres não são especificidades da época atual. No entanto, a criação histórica da divisão entre tempo de trabalho e tempo de lazer a partir da consolidação do capitalismo enquanto sistema de mercado impõe ao lazer um significado diferente em seu processo histórico. Nessa direção, as atividades consideradas lúdicas são valorizadas, ou não, segundo valores de troca em detrimento de seus valores de uso na medida em que atuam, dentre outras coisas, como elementos de diferenciação social. Turismo, enquanto uma atividade caracterizada pelo casamento entre lazer e viagem, se apropria dos lazeres conformando territórios segundo seus usos.

Esse movimento de conformação do território caracterizado pela atividade turística se justifica na medida em que essa atividade, para além de seu caráter econômico, também se apresenta como uma prática social. Por esse motivo, os espaços onde essa atividade se realiza não devem ser considerados totalmente turísticos, já que conformam sujeitos sociais (residentes e turistas) interagindo segundo relações de poder a partir de interesses diferentes. O lazer do residente é turismo para o turista. Assim, o turismo materializa-se na lógica da diferenciação histórica e geográfica de lugares e regiões e, em um enfoque weberiano, enquanto ação social causa efeitos sobre a realidade em que ocorre.

Nas palavras de LAZZARATO (2006), toda força é animada pelo desejo de ter e, portanto, é a possessão que define a ação de uma força sobre outra. Para o filósofo Gabriel Tarde, todo indivíduo (físico, vital, humano) é composto por uma infinidade de outros indivíduos que se juntam sob formas políticas sempre singulares, fundadas em desejos e crenças, que são as forças animadoras da vida social.

A sociedade, o estar junto, é a possessão recíproca, sob as mais variadas formas, de todos por cada um, se define pela maneira de possuir seus concidadãos e ser possuído por eles. (TARDE, 2003 apud LAZZARATO, 2006, P.36)

Em uma sociedade voltada para o capital, o consumo – entendido como ação social dotada de sentido e intenção subjetivamente elaborada

– é guiado por uma vontade insaciável que expressa a necessidade de ‘ter’ para ‘ser’. O ato de possuir não encontra limites e a sua expressão máxima é o consumo do outro, onde o corpo humano, devidamente docilizado, adaptado e sexualizado, adquire um valor de troca. Em um contexto em que a maioria dos produtos é descartável, o corpo e o lazer também o são.

É preciso considerar que a dinâmica da cidade se realiza segundo a sua própria lógica no que diz respeito à produção do seu espaço para determinados fins, o que inclui, dentre outras coisas, os equipamentos de lazer bem como suas tramas cotidianas. No caso de Copacabana, o comércio do sexo acontece de maneira concomitante e contraditória ao advento do turismo enquanto fenômeno de massa, para esse fim. Assim, o turismo, enquanto atividade econômica que envolve o deslocamento de pessoas no tempo e no espaço vai se apropriando de tudo o que pode gerar esse deslocamento e transformando a intenção de consumo do turista em segmento. Não é por acaso que a Organização Mundial de Turismo - OMT, órgão institucional que regulamenta as atividades turísticas, reconhece o turismo sexual como viagens organizadas que usam estruturas e redes do setor turístico com o objetivo de efetivar a relação comercial sexual do turista com os residentes do destino. Dessa maneira, a OMT reconhece a atividade sem, contudo, se posicionar em relação a ela.

A realização do turismo sexual traz em seu bojo questões mais profundas e preexistentes, que estão ancoradas nas sociedades receptoras e emissoras e refletem traços específicos de suas formações socioeconômicas e históricas. De acordo com Soares do Bem, o turismo sexual<sup>1</sup> não pode ser visto isolado do desenvolvimento do próprio turismo, pois sua existência está intimamente vinculada aos modelos de desenvolvimento da atividade, historicamente constituídos. O aumento do poder aquisitivo nos países industrializados a partir da década de 1950 concomitantemente ao aumento da necessidade de evasão das pressões estruturais existentes nas sociedades industrializadas contribuiu para difundir o turismo em países menos industrializados como uma recompensa para a necessidade do repouso e da fuga do cotidiano.

Na sociedade do trabalho e do consumo, a viagem torna-se símbolo de *status* e cresce a demanda por países, culturas e paisagens distantes, estimulada pelo imaginário colonialista, que contribuiu para construir

e perpetuar socialmente a imagem de tais lugares e seus residentes como “exóticos” e “consumíveis”. O processo histórico da conformação do bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro aponta para um mosaico de relações e redes contraditórias que vai se materializando no território a partir de seus usos.

Do ponto de vista dos países receptores, o desenvolvimento do turismo está diretamente relacionado ao processo de modernização e de crescimento econômico, sendo considerado um potencial instrumento para o desenvolvimento social. Todavia, o modelo adotado para o desenvolvimento turístico reproduz práticas excludentes de modernização, historicamente adotadas nas regiões mais pobres.

As cidades crescem sem planejamento e a atividade turística tende a seguir esse padrão. Ainda que esteja amplamente disseminado e que utilize praticamente a mesma infraestrutura do turismo convencional, o turismo sexual não pode ser considerado um segmento. Isso porque envolve atividades de consumo não legitimadas pelas relações de trabalho convencionais (a prostituição), além de se apropriarem de outras redes que funcionam como suporte dessa atividade. Não raro, as redes de turismo sexual encontram-se relacionadas à exploração sexual de crianças e adolescentes ao tráfico de pessoas e ao tráfico de drogas.

Segundo Vieira de Carvalho (2003), a prostituição e o turismo frequentemente convivem em um mesmo lugar, onde atrativos turísticos e pontos de prostituição são delimitados, criando dimensões territoriais para estes espaços. Na maioria dos casos, a transição entre esses espaços se dá de forma fluida e subjetiva, quando os espaços considerados como atrativos turísticos são reconhecidos na parte do dia, com imagens de cenas cotidianas diurnas e os pontos de prostituição são reconhecidos na parte da noite, com imagens de prazer e “entretenimento adulto”. É assim que o território vai se conformando e sendo apropriado de maneira subjetiva segundo seus usos, sujeitos sociais e, claro, suas contradições.

Guardando múltiplas dimensões, que variam entre territórios de prostituição, espaço de passagem e convívio e lugar de lazer, Copacabana apresenta uma configuração influenciada pelos seus diferentes usos. Mais parece um mosaico de realidades que se articulam e se relacionam de maneira peculiar. Os moradores não se sentem satisfeitos ou confortáveis

com a presença do turismo sexual no seu entorno residencial, entretanto convivem com essa realidade e estabelecem assim uma relação que é muito mais de resignação do que de aceitação. Moradores, trabalhadores, visitantes e turistas coexistem com o comércio do sexo, uma prática já enraizada na configuração espacial do bairro. É possível dizer que esses sujeitos sociais formam um amálgama resultante de uma improvável mistura de elementos antagônicos que dialogam a contragosto, ao mesmo tempo em que travam um embate interno para aceitar a realidade do outro, que se impõe.

## **2 Tempo e capital: das relações de trabalho ao consumo do outro**

*Quem trabalha não tem tempo livre para uma autêntica integridade dia a dia. Não tem tempo de ser nada além de uma máquina. [...] A grande maioria dos homens leva uma vida de calado desespero. O que se chama resignação é desespero confirmado. Um desespero estereotipado, mas inconsciente, que se esconde mesmo sob os jogos e prazeres da humanidade. Não há diversão neles, pois esta vem depois da obrigação. (H. D. Thoreau)*

O modo de produção capitalista, na medida em que condiciona os usos do tempo, mercantiliza as relações sociais; ou seja, transforma as pessoas (trabalhadores e sua força de trabalho) em mercadorias compradas e vendidas no mercado, como qualquer outra mercadoria. No âmbito do comércio sexual, o capital se apropria do corpo em si, do indivíduo em sua totalidade. O corpo, completamente inserido no processo de produção capitalista, aparece como uma mercadoria a mais e, como é comum às mercadorias, é dotado de traços fetichistas, precisando ser devidamente docilizado, domesticado, disciplinado de modo a atender às demandas simbólicas do mundo industrializado. Essa domesticação do corpo a qual nos referimos acima é garantida pelo acordo travado entre cliente e prestação de serviço em uma relação mediada pelo dinheiro.

O fetiche da mercadoria é o meio pelo qual os objetos adquirem valor devido a sua carga simbólica, ao trabalho social não pago contido na mercadoria e apropriado por poucos. Da mesma maneira, o corpo-objeto/corpo-mercadoria, bem como o que se quer comprar dentro de um deter-

minado tempo recebe um preço, uma quantia monetária que expresse o valor da subjetividade a ele inerente. O fetiche, nesse caso, bem como as relações de poder na esteira desse processo se dá na escolha do corpo, do serviço e do tempo disponibilizado. Sempre, mediado pelo dinheiro.

A relação de poder estabelecida entre quem paga pelo serviço e quem vende, no caso da prostituição feminina<sup>2</sup>, tem a ver com a total sujeição da mulher ao homem que pagou pelo acordo estabelecido sobre o serviço a ser prestado. Nas palavras de Leonini

A relação com uma prostituta torna possível a satisfação de um prazer puramente egoísta; é possível ficar completamente livre da obrigação de satisfazer e dar atenção à própria companheira. Dessa forma, a relação com uma prostituta é travada como uma “liberação”, um momento em que é possível se concentrar na simples satisfação de próprio desejo e do próprio prazer, livre de qualquer preocupação em oferecer um favor que seja prazeroso e satisfatório também para a própria companheira. (2004, P. 92).

Ainda sobre a relação de poder no que diz respeito à troca de serviços mediados pelo dinheiro a autora afirma

[...] a mediação do dinheiro permite, nesse caso, a obtenção não apenas de um corpo capaz de satisfazer uma necessidade fisiológica, mas a constatação de serem eles, os homens, ainda os únicos detentores de poder, a confirmação da posição mesma de domínio, a garantia de conseguirem ser capazes de um serviço sexual de *primeira*. (2004, p. 92).

Importante considerar que do lado de quem vende o serviço existe uma relação de trabalho e, portanto, de distanciamento de qualquer possibilidade de envolvimento emocional<sup>3</sup>. Para o sociólogo Richard Poulin<sup>4</sup>, a prostituição está diretamente relacionada às estratégias de consumo, exploração e a lógicas análogas à escravidão, pois a submissão às regras do mercado e às leis liberais contratuais de comércio leva a uma aceitação cada vez maior do ato comercial, que, em troca de quantias variáveis de dinheiro, negocia as relações sexuais. Em suas palavras,

[...] a globalização da prostituição criou um vasto mercado de trocas sexuais, em que milhões de pessoas são transformadas em mercadoria de caráter sexual. Esta indústria é atualmente uma grande potência econômica. [...] A

prostituição é considerada por muitos países um meio de desenvolvimento econômico, o que várias organizações internacionais reforçam, incentivando os governos dos países capitalistas periféricos a desenvolverem sua indústria do turismo e do entretenimento como alta fonte de divisas para o pagamento da dívida contraída junto a essas organizações. (POULIN, 2013).

Ainda segundo Poulin, a globalização capitalista acentuou o desenvolvimento desigual entre os países e nos lugares onde a indústria da prostituição é muito desenvolvida criam-se circuitos mundiais de tráfico.

Essas realidades definem as condições e a extensão da globalização capitalista atual para as mulheres e as crianças que são vítimas da indústria sexual. O dinheiro é a chave da relação prostitucional: ele liga e submete a pessoa prostituída ao prostituidor, tornando a relação impessoal, reificada e desequilibrada. O sistema prostitucional é uma manifestação particularmente significativa da dominação dos homens pelo sexo na sociedade mercantil.<sup>5</sup>

Assim, a mercadoria não é apenas uma “coisa”, mas essencialmente uma relação social. A transformação de um ser humano em mercadoria sexual significa não somente sua transformação em objeto-coisa, mas também sua inserção em relações de submissão sexista e de subordinação mercantil. As brutalidades e outras violências têm como consequência o fato de instituir a sujeição e de fazer com que a resignação se sobreponha a qualquer intenção de contestação ou de revolta.

### **3 Turismo sexual: status e prazer pelo consumo do exótico**

*“[...] e a um mundo de formas esquisitas,  
de ascéticos relevos ósseos,  
de meios-termos grotescos  
entre o vegetal e o humano,  
de plágios até da anatomia humana,  
mesmo das partes vergonhosas.  
Não haverá paisagem como esta  
tão rica de sugestões.” (Paisagem Sexual, Gilberto Freyre).*

Para o antropólogo Franck Michel<sup>6</sup>, cinco causas principais estão na origem da expansão sem precedente do turismo sexual de massa:

a pauperização crescente; a liberalização dos mercados sexuais, que incentiva mais ou menos diretamente o tráfico de mulheres para fins de prostituição; a persistência de sociedades patriarcais e sexistas; a deterioração da imagem da mulher, tendo como pano de fundo a violência sexual generalizada e banalizada; e a explosão do turismo internacional e dos fluxos de migrantes de todo tipo. Ainda de acordo com Michel (2006), a busca pelo exótico fácil e sem responsabilidades é mediada pelo dinheiro e tem como justificativa preconceitos com fortes componentes racista, sexista, ultraliberal e neocolonial.

Além da exclusão material concreta, um dos importantes impulsionadores do turismo sexual são as representações. Ele precisa, portanto, de imaginário. As representações coloniais são devidamente atualizadas e redimensionadas nos países emissores. Essas imagens coloniais, uma vez atualizadas, funcionarão como importante canal de legitimação de novas práticas de hierarquização (SOARES DO BEM, 2005). Nesse sentido, neocolonialismo se caracteriza como um controle indireto exercido por antigas potências coloniais, hoje estados hegemônicos, sobre os atuais países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. O turista, assim como o comerciante, o empresário, o missionário ou o conquistador, são considerados agentes de contato e indutores de mudança e novo colonizador já não conquista territórios, mas sim corpos humanos. (LAGUNAS, 2010).

Os aspectos ligados às construções imaginárias no espaço dos países emissores exacerbam o fetiche do “exótico”, onde o “outro” é visto dentro de uma ousada paisagem corporal, sugestiva, marcadamente sedutora e erótica. Esse pensamento é reforçado pelas representações midiáticas, que reproduzem em larga escala uma imagem sexualizada de paraísos distantes, bem como pelo marketing institucional dos países receptores, que até a década de 1990 associava maciçamente a propaganda turística à figura de belas mulheres<sup>7</sup>. Para Soares do Bem (2005), “o terceiro mundo continua a ser representado como o lugar do exótico, da aventura, do divertimento e do repouso para o norte”.

A permanência colonialista nos clichês reforça o “exotismo” como a característica mais marcante das mulheres do “terceiro mundo”. Devidamente erotizado, esse exotismo engendra um culto à diferença centrado na construção cultural da feminilidade (MARTIN, 1983). Assim, perpetua-



-se a visão etnocêntrica de uma feminilidade calcada na inferioridade econômica e cultural, que se materializa em uma postura sexualmente submissa, a serviço de uma masculinidade que se potencializa pelo prazer da dominação. Desse modo, as relações de poder se concretizam através do sexo mediado pelo capital e o consumo do “corpo exótico” vira sinônimo de status<sup>8</sup>.

#### **4 Lazer cotidiano e turismo sexual em copacabana: diálogos ou conflitos?**

*[...] o ritmo alucinado nos seus inferninhos,  
dia e noite, noite e dia  
da Prado Júnior ao Posto Seis  
a verdadeira Ilha da Fantasia  
se eu soubesse a razão  
de vidas tão diferentes em seu coração  
se eu soubesse o motivo dessa romaria  
em sua direção  
um pouco mais da natureza humana eu saberia. (Copacabana, Barão Vermelho).*

O espaço urbano é fragmentado, articulado e multidimensional. É ainda condição, meio e fim das relações sociais travadas no cotidiano. Para Milton Santos (1997), o espaço geográfico é constituído por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. O espaço é uma acumulação desigual de tempos, podendo ser assimilado por diferentes usos, que se articulam ou sobrepõem, mas não se anulam. Tais usos podem se diferenciar em termos de forma e conteúdo social, com uma fragmentação permanente e complexa, em um processo contínuo de construção e desconstrução. O que articula o espaço fragmentado são os diferentes fluxos que se realizam. SANTOS (1988) destaca que a organização espacial se revela a partir de elementos fixos constituídos como resultado do trabalho social e através dos fluxos que garantem as interações entre os fixos. Sendo assim, os lugares da cidade estão articulados de alguma maneira, estabelecendo-se redes de padrões, intensidades e distintas naturezas de fluxos.

Um dado espaço pode pertencer simultaneamente a mais de uma categoria geográfica. Ao pesquisar o espaço do bairro de Copacabana foi possível observar que, ainda que ambas as perspectivas coexistam, a categoria muda de acordo com seus usos. Do ponto de vista dos moradores, é lugar. No âmbito da prostituição, é território. Tal diferenciação encontra justificativa nos conceitos que definem essas categorias. A concepção de território está intimamente ligada a relações de poder. Para RAFFESTIN (1993), a territorialidade pode ocorrer a partir de um movimento gerado por grupos que, em um dado momento, têm interesse em se estabelecer em um dado espaço. Ao se apropriar desse espaço, concreta ou abstratamente, o ator “territorializa” esse espaço. Para SOUZA (2006), o território é “[...] *um campo de força, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define um limite: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos)*”. Já a concepção de lugar se pauta em uma relação marcadamente afetiva, sendo um agregado de relações ao mesmo tempo internas e externas. Para YI FU TUAN (1977), lugar é o sentido de pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história de seus habitantes.

Segundo Ribeiro,<sup>9</sup> o processo de ocupação do bairro de Copacabana inicia-se de maneira tímida em meados do século XIX, a partir do incremento das transferências das elites residentes no centro da cidade para o arrabalde, que assumia a função de balneário terapêutico destinado à construção de casas de veraneio para usufruir o mar<sup>10</sup>. No entanto, é na administração de Pereira Passos que Copacabana passa por importantes melhorias, a saber: a construção da Avenida Atlântica e a abertura do túnel do Leme, que vai facilitar o acesso ao bairro. Entre 1930 a 1950 houve intensa especulação imobiliária no bairro justificada pela necessidade de retorno financeiro rápido. O bairro foi se conformando de maneira que todas as necessidades cotidianas pudessem ser atendidas ali sem que houvesse necessidade de sair do bairro. Uma cidade, dentro de outra, com um perfil residencial que foi aos poucos se metamorfoseando.

A partir de 1930, segundo o mesmo autor, Copacabana deixa de ser predominantemente residencial e ocupada por uma classe social

mais alta, para se tornar um mosaico dos mais variados grupos sociais segundo variadas classes sociais. Esse movimento se deu a partir do processo de verticalização do bairro como desdobramento das vendas das casas. Verticalização essa que priorizou os baixos custos unitários de habitação. O esvaziamento das classes sociais mais altas associado ao processo de verticalização dito acima deu início à popularização do bairro e à conformação de novos arranjos sociais.

Atualmente o bairro pode ser caracterizado a partir do funcionamento de um intenso comércio e detentor do maior número absoluto de idosos entre os bairros do país<sup>11</sup>. Ao mesmo tempo em que abriga em seu espaço contradições inerente à sua formação. Ainda que não seja uma área elitizada e abrigue inúmeros e gritantes contrastes sociais, o estilo de vida de Copacabana é visto como moderno e sofisticado. Segundo Gilberto Velho (2006), o bairro é um dos exemplos mais expressivos da problemática do crescimento impulsionado pela indústria de construção civil em confronto com preocupações preservacionistas.

Copacabana foi desejada, ocupada, construída e desgastada; e as mesmas características lúdicas que formavam sua atratividade foram responsáveis pela atual configuração caótica. O ritmo acelerado de construções deteriorou o clima e a paisagem, a abundância de transportes tornou o trânsito intenso, e um dos fatos mais decisivos para as transformações no bairro foi a construção de grandes prédios de minúsculos apartamentos que viriam a abrigar uma população mais modesta, em grande parte de inquilinos, que sacrificam espaço residencial para viver em um bairro que tem transporte, atende ao consumo e ainda produz prestígio social (VELHO, 2006).

A prostituição, o lazer e o turismo conformam o cotidiano do bairro e convivem, muitas vezes, em um mesmo espaço, confundindo “território de lazer” com “território de prazer”. Os atrativos turísticos, assim como pontos de prostituição, são delimitados, criando dimensões territoriais para estes espaços. Do mesmo modo, a atratividade do turismo e atratividade da prostituição confunde-se nesses espaços. Na maioria dos casos, os espaços considerados como atrativos turísticos são reconhecidos na parte do dia e os pontos de prostituição são reconhecidos durante a noite (CARVALHO, 2003). É importante salientar que embora moradores

e turistas (ou visitantes) usufruam de um mesmo espaço, as práticas e os usos realizados são diferentes. A sensação vivida pelo residente ao sentar nas areias da Praia de Copacabana é distinta da sensação experimentada pelo “forasteiro”. Desse modo, serviços e equipamentos de lazer desfrutados pelo habitante tornam-se aparatos turísticos devido a uma apropriação mercadológica que visa tão somente fomentar a atividade turística naquele local.

Com uma infindável variedade de hotéis, albergues, bares, restaurantes e boates, além das belezas naturais, Copacabana é destino certo para quem viaja ao Rio de Janeiro. O fluxo de turistas é intenso durante todo o ano e por toda extensão da orla é possível encontrar diversos atrativos turísticos. Em seu processo histórico, Copacabana se transformou; deixou de ser um bairro de elite para se tornar um bairro cuja heterogeneidade social é bastante expressiva. Nas palavras de Ribeiro,

À medida que essa situação se acentuava, com a popularização do bairro, ampliava-se em grandes proporções o sucateamento/fragmentação do espaço residencial. Por outro lado, a função de balneário mundial persistiu provocando o incremento do turismo e levando ao surgimento de atividades informais, como da prostituição de rua. (2002, p. 111).

Em Copacabana, a prostituição de rua se organiza espacialmente marcada ao longo da Avenida Atlântica e de algumas transversais. O bairro apresenta diversos segmentos da prostituição (mulheres, homens e travestis) que delimitam seus territórios ao longo das esquinas e calçadas ou em determinados bares, restaurantes e boates. Essas áreas constituem-se num espaço famoso junto aos turistas que procuram esse consagrado “território do prazer” (RIBEIRO, 1997).

Além de ser reduto turístico, a Avenida Atlântica é uma área predominantemente residencial, com concentração de moradores de maior poder aquisitivo que a média geral do bairro. Nas ruas Prado Júnior e Princesa Isabel, o uso é bastante diversificado, havendo uma conjugação de atividades de comércio e serviços com a residencial. Predomina a população de renda mais baixa, devido a maior presença de imóveis pequenos ou conjugados. Na Avenida Ministro Viveiros de Castro e nas Ruas Belford Roxo, Ronald Carvalho e Duvivier o panorama é o mesmo.

São as imediações da Praça do Lido, conhecidas como o *red light district* de Copacabana. A prostituição “de calçada” é visível, ainda que haja uma série de bares, boates e casas de strip-tease, bem como casas de prostituição clandestinas que funcionam em prédios residenciais e/ou comerciais espalhados pelas ruas mais movimentadas do bairro.

Em 2010, após 26 anos de funcionamento na Avenida Atlântica com a Rua Djalma Ulrich, foi fechada a famosa boate Help!, clássico reduto de turismo sexual no Rio de Janeiro. Com o fim da casa noturna, aproximadamente 150 funcionários ficaram desempregados e as garotas de programa que ali trabalhavam “migraram” para outros bares e boates (*Scotch Bar Night Club, La Cicciolina, Boite New Hi-Fi, Erotika, Don Juan, Boate PussyCat, Barbarella, Frank’s Bar, Miami Show Erotic House*, entre outros).<sup>12</sup>

Até a finalização da pesquisa, em agosto de 2013, de acordo com o jornal O Globo<sup>13</sup>, o *Bar Balcony*, localizado na Avenida Atlântica esquina com a Rua Ronald Carvalho, ocupava o posto de principal ponto de prostituição em Copacabana e aproximadamente 40 frequentadores da casa estavam “na mira” de um inquérito sobre exploração sexual de menores, aberto pela Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima (Dcav). Os agentes investigavam uma rede de bares, hotéis e taxistas que promove o turismo sexual envolvendo menores. Segundo a mesma reportagem, o bar também esteve sob investigação da Delegacia Especial de Apoio ao Turismo (Deat), que lá prendeu uma mulher acusada de integrar quadrilha (formada por travestis e garotas de programa) que assaltava turistas após aplicar o golpe conhecido como “Boa noite, Cinderela”. Em busca recente, foram encontrados no site TripAdvisor.com relatos que confirmam as atividades do local<sup>14</sup>. Em julho de 2014, o Bar chegou a ser fechado pela Polícia Civil do Rio de Janeiro por favorecer a exploração sexual de crianças e adolescentes<sup>15</sup>, mas voltou a reabrir. Em dezembro de 2014, foi fechado definitivamente, em ação dos Agentes de Secretaria Municipal de Ordem Pública (Seop) em conjunto com policiais civis da 12ª DP (Copacabana). Segundo a secretaria, o estabelecimento estava com o alvará de funcionamento cassado, devido a desacordo da atividade econômica exercida no local, e descumpria o edital de interdição fixado em novembro do mesmo ano, de modo que já havia sido autuado cerca de 40 vezes.<sup>16</sup>

O permanente fluxo de moradores e trabalhadores se cruza com a passagem constante de visitantes e turistas, em total relação de coexistência com as atividades de prostituição, já enraizadas na configuração espacial de Copacabana. É possível dizer que esses sujeitos sociais se apresentam em amálgama, uma improvável mistura de elementos distintos. Entretanto, ainda que esses sujeitos apresentem um convívio aparentemente pacífico, os moradores não se sentem satisfeitos ou confortáveis com a presença das relações de prostituição relacionadas, ou não, com o turismo impostas no território, mesmo lugar em que se configura os espaços residenciais do bairro. Assim, a relação estabelecida é muito mais de resignação/resistência do que de aceitação.

É comum ouvir dos residentes mais próximos aos territórios de prostituição reclamações mais intensas e bem fundamentadas do que daqueles que, apesar de “esbarrarem” com as prostitutas e seus clientes, não estão tão perto do pleno desenrolar da atividade. A maioria se queixa que a prostituição gera violência e compromete o ambiente familiar do bairro, apresentando mais um desconforto moral do que um embate propriamente dito. Já os moradores das áreas em que a atividade ocorre intensa e escancaradamente, além das queixas já citadas, apresentam preocupações relativas à desvalorização dos imóveis e ao alto índice de insegurança gerado pela circulação de moradores de rua e traficantes, bem como por frequentes brigas e assaltos. Outra reclamação comum diz respeito ao “desassossego” causado pelo funcionamento das boates até de manhã, mesmo em dias de semana.

O embate está travado entre a conformação da família nuclear, composta pela figura da mulher e do homem, e as mais diversas relações de gênero que envolvem a venda e o consumo do sexo estabelecidas no bairro como atividades de lazer. É dessa família nuclear, representada como resistência ainda residente no bairro, que vêm as queixas contra as atividades relacionadas à prostituição e seus desdobramentos.

## 5 Considerações finais

O turismo sexual não pode ser visto isoladamente da realização do próprio turismo, pois sua existência está intimamente vinculada aos

modelos de desenvolvimento da atividade historicamente constituídos; trazendo em seu bojo questões mais profundas e preexistentes, que estão ancoradas nas sociedades receptoras e emissoras e refletem traços específicos de suas formações socioeconômicas e históricas. Ainda que esteja amplamente disseminado e que utilize praticamente a mesma infraestrutura do turismo convencional, o turismo sexual não pode ser considerado um segmento, mas sim práticas turísticas, as quais envolve o deslocamento do sujeito social no tempo e no espaço, além do uso das estruturas de lazer do bairro.

A prostituição e o turismo convivem, muitas vezes, em um mesmo espaço, confundindo “território de lazer” com “território de prazer”. Os atrativos turísticos e os pontos de prostituição são delimitados, criando dimensões territoriais para estes espaços. Um dado espaço pode pertencer simultaneamente a mais de uma categoria geográfica. Ao pesquisar o espaço do bairro de Copacabana podemos ver que, ainda que ambas as perspectivas coexistam, a categoria muda de acordo com seus usos. Do ponto de vista dos moradores, é lugar. No âmbito da prostituição, é território.

Guardando múltiplas dimensões, que variam entre territórios de prostituição, espaço de passagem e convívio e lugar de lazer, Copacabana apresenta uma configuração influenciada pelos seus diferentes usos. Mais parece um mosaico de realidades que se articulam e se relacionam de maneira peculiar. Os moradores não se sentem satisfeitos ou confortáveis com a presença do turismo sexual no seu entorno residencial, entretanto convivem com essa realidade e estabelecem assim uma relação que é muito mais de resignação do que de aceitação. Moradores, trabalhadores, visitantes e turistas coexistem com o comércio do sexo, uma prática já enraizada na configuração espacial do bairro. É possível dizer que esses sujeitos sociais formam um amálgama resultante de uma improvável mistura de elementos antagônicos que dialogam a contragosto, ao mesmo tempo em que travam um embate interno para (tentar) aceitar a realidade do outro, que se impõe.

## 6 Notas

- 1 É preciso considerar que turismo sexual também pode ser definido a partir das viagens cujo objetivo é se relacionar sexualmente sem que haja, obrigatoriamente, a mediação pelo dinheiro. Trata-se, nesse caso, de encontros espontâneos em espaços específicos. Tema para outro trabalho.
- 2 No bairro de Copacabana a maioria das prostitutas são mulheres e seus clientes são homens. Muito embora haja espaço para outras relações de prostituição envolvendo outras questões de gênero.
- 3 Outros estudos podem dar conta de responder a essas questões, as quais são específicas ao bairro de Copacabana.
- 4 Entrevista concedida, em 2013, à IHU OnLine, do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/519672-o-caso-de-amor-entre-a-prostituicao-internacional-e-o-capitalismo-entrevista-especial-com-richard-poulin>. Consulta realizada em 4 de maio de 2013.
- 5 Idem.
- 6 Em “Pobres Prazeres: Rumo ao Turismo Sexual de Massa”, artigo publicado no *Jornal Le Monde Diplomatique* de agosto de 2006. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1849>. Consulta realizada em abril/2013.
- 7 É preciso considerar que as questões de gênero não se encerram na figura da mulher, mesmo nesse caso em que tratamos especificamente da prostituição. Ao contrário, em Copacabana, o território vai, também, se conformando segundo os gêneros e suas múltiplas significações.
- 8 Outra face da diferenciação social diz respeito à maneira como o sexo é consumido. Se a consumação do sexo se realizar a partir da “conquista”, sem mediação do dinheiro, mais status isso auferirá para o turista. Como um souvenir, o sexo consentido é contabilizado na experiência da viagem.
- 9 Este autor realizou importante trabalho sobre o mapa da territorialização do sexo na cidade do Rio de Janeiro, o que inclui o bairro de Copacabana. (RIBEIRO, Miguel Angelo. 2002).
- 10 Isso obedece uma lógica maior, em escala mundial, no que diz respeito à função do mar como elemento paisagístico relacionado à atividade terapêutica e, como desdobramento, de lazer. É o que chamamos no mundo do turismo do modelo hegemônico relacionado ao consumo do sol e do mar.
- 11 LEAL, Luciana Nunes; WERNECK, Felipe; LIMA, Daniel. Copacabana é o bairro com maior número de idosos do País, diz Censo. Estadão, jul., 2011. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticia/s/geral,copacabana-e-o-bairro-com-maior-numero-de-idosos-do-pais-diz-censo,739329>>. Acesso em: 08 maio 2013.
- 12 Informações referentes ao período de realização da pesquisa (2012/2013).
- 13 BOTTARI, Elenilce. O pecado mora ao lado: perto do lugar onde ficará o palco do Papa, Lido tem rotina de prostituição, roubos e tráfico. O globo, jun., 2013. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/o-pecado-mora-ao-lado-8301723>. Acesso em: 08 maio 2013.
- 14 “Bar de prostituição”. Disponível em: [http://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303506-d2561278-r241313776-Balcony\\_Bar-Rio\\_de\\_Janeiro\\_State\\_of\\_Rio\\_de\\_Janeiro.html](http://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303506-d2561278-r241313776-Balcony_Bar-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html). Acesso em: 11 set. 2015.
- 15 VIEIRA, Isabela. Polícia do Rio fecha bar e hotel por exploração sexual de crianças. Disponível em <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/06/policia-do-rio-fecha-bar-e-hotel-por-exploracao-sexual-de-criancas>. EBC, jun., 2014. Acesso em: 11 set. 2015.
- 16 Sem alvará boate balcony é fechada em ação conjunta da Seop e polícia civil. O dia ig. <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-12-27/sem-alvara-boate-balcony-e-fechada-em-acao-conjunta-da-seop-e-policia-civil.html>. Acesso em: 11 set. 2015.

## 7 Referências

BRUNS, M. A. T.; GUIMARÃES, R. M. **Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo**. Fazendo Gênero, 2008.



CÂNDIDO, F. P. **Lazer, trabalho, capital e educação**: reprodução X alternativa Socialista. II Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil, 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Outubro, 2005. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/educacao/medu20.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.

CESAR, J. R. C. As graves questões comportamentais referentes ao conceito de Turismo e de turista, nas quais se baseiam a antropologia e a sociologia, resolvem-se através da psicologia da Gestalt. **Revista Subjetividades**, v. 3, n. 1, 2010.

FREYRE, G. **Poesia reunida**. Pernambuco: Guararapes, 2000.

GAETA, C. ; NETTO, A. P. **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

GUIMARÃES, V. M. **Encontros turísticos**: reflexões sobre o turismo através da subjetividade do turista. VI Reunião de Antropologia do Mercosul, 2005.

LAGUNAS, D. El poder del dinero y el poder del sexo: antropología del turismo sexual. **Perfiles Latinoamericanos**, v. 18, n. 36, jul./dez., 2010.

LAZZARATO, M. **As Revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEONINE, L. **Os clientes das prostitutas**: algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre a prostituição em Milão. In: SCHPUN, M. R. Masculinidades. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MATTOS, P. **Prostituta, pobre e mulher**: ou a vida em tripla falta. Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=2443&Itemid=230](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2443&Itemid=230)>. Acesso em: 01 set. 2015.

MEYER, J. T. O Turismo como fenômeno social de inversão. **Revista da Graduação**, v. 1, n. 1, 2008.

OLIVEIRA, R. S; RIBEIRO, M. A. **dinâmica e organização espacial da prostituição feminina fechada na cidade do Rio De Janeiro**. XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana Ciência e Utopia: por uma geografia do possível, 2011.

OURIQUES, H. R. **Elementos para uma análise do turismo na economia mundo-capitalista**. II Colóquio Brasileiro de Economia Política dos Sistemas-Mundo, 2008.

RIBEIRO, M. A. Prostituição de rua e turismo em Copacabana: a Avenida Atlântica e a procura do prazer. **Revista Território**, Jul./Dez., v. II, n. 3, p. 87-104, 1997.

\_\_\_\_\_. Prostituição de rua e turismo: a procura do prazer na cidade do Rio de Janeiro. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo, modernidade, globalização**. 3. ed. São Paulo: Hucietc, 2002.

ROCHA, G. Paisagens corporais na cultura brasileira. **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 1, 2012.

RUSSO, G. **No labirinto da prostituição**: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. Caderno CRH, v. 20, n. 51, 2007.

SCARPATI, F. V. **El turismo sexual y sus influencias en el desarrollo turístico sostenible**. 2010. Disponível em: <[http://www.esade.edu/cedit2005/pdfs2005/papers/v\\_ignati\\_federico.pdf](http://www.esade.edu/cedit2005/pdfs2005/papers/v_ignati_federico.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2015.

SILVA, T. A. **Turismo sexual, prostituição e gênero**: uma discussão teórica. XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/TATIANA%20AMARAL%20SILVA.pdf>>

SOARES DO BEM, A. **A dialética do turismo sexual**. São Paulo: Papirus, 2005.

TARDE, G. **Monadologia e sociologia**. Tradução de T. S. Themudo. Petrópolis: Vozes, 2003.

TELES, R. **Fundamentos geográficos do turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

THOREAU, H. D. **Walden ou a vida nos Bosques**. São Paulo: L&PM, 2010.

VELHO, G. **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VELHO, G. Patrimônio, negociação e conflito. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006.

VIVAS, L. M. B. Interseções entre gênero, raça, turismo e exploração sexual no Caribe: o caso de antiga. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luis Br, v. XII, n. 23, Jul./Dez., p. 191-220, 2011.

Recebido em: 12-9-2015

Aprovado em: 1-2-2016

*Telma Bittencourt Bassetti*

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); mestre em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense (UFF); graduada em Turismo pelo Centro Universitário Vila Velha (UVV); professora adjunta do curso de Turismo e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Rua Pasteur, 296, Urca 22290240 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, Curso de Turismo. E-mail: telmabbassetti@hotmail.com

*Roberta Peixoto*

Mestranda em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); estudante de História (Licenciatura) pela Universidade Estácio de Sá.

Rua Pasteur, 296, Urca 22290240 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, Curso de Turismo. E-mail: beta-peixoto@hotmail.com

